

O RELACIONAMENTO SOCIAL-ECONÔMICO-GERENCIAL INTERFIRMAS: O CASO DO CLUSTER DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO NO MUNICÍPIO DE COLATINA (ES)

*Fernando Coutinho Garcia**
*Maria Cristina Dadalto***

1. Introdução

O século XX foi um período de profundas alterações sociais, econômicas e tecnológicas e, em decorrência, organizacionais. O conjunto dessas transformações evidencia características que têm obrigado as organizações a rever suas estratégias de inserção e atuação no mercado. Entre essas características podemos citar a intensidade do desenvolvimento tecnológico, que produz a obsolescência técnica e econômica de equipamentos, de produtos e de processos; o acirramento da concorrência, causado pela abertura ampla dos mercados; as condições de incerteza e de risco em que são tomadas as decisões empresariais.

Subjacente ao entendimento dessas transformações está a compreensão do modelo de produção e a regulação social que permeiam uma dada sociedade no seu processo de desenvolvimento. Nesse sentido, três modelos de produção sobressaíram no decorrer deste século: o modelo fordista, o modelo de coordenação e o modelo comunitário. A dinâmica de cada um desses modelos, por outro lado, está intrinsecamente relacionada à sociedade que os suscitou.

Assim sendo, podemos relacionar o modelo fordista à sociedade de consumo americana, o modelo de coordenação, à cultura hierárquica japonesa e o modelo comunitário, às redes de cooperação e reciprocidade da região norte da Itália. A evolução de cada um desses modelos oferece uma resposta determinada ao desenvolvimento organizacional, que corresponde também a períodos específicos na relação economia e produção.

Paradoxalmente, no mundo atual, que exige respostas rápidas, contatos aparentemente superficiais e flexibilidade, os modelos de produção japonês e italiano, com a superação do modelo fordista, têm como base os valores culturais de cooperação da sociedade em que se

* Pós-Doutor em Sociologia do Trabalho, Coordenador do Curso de Mestrado Profissional em Administração da Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo. E-mail: garciafc.bh@terra.com.br

** Mestre em Administração, Professora da Universidade de Vila Velha. E-mail: cristinadadalto@hotmail.com

manifestam. Transpostos para o mundo das organizações, esses valores revelam-se por meio do relacionamento interfirmas.

2. A Problemática

À luz dessas considerações, o objetivo deste estudo é analisar a dinâmica de relacionamento interfirmas no aglomerado da indústria do vestuário do município de Colatina, no Espírito Santo. A análise tem como principal referência a sistematização das principais características do modelo comunitário de produção dos Distritos Industriais (DI's) italianos.

O pressuposto subjacente a esse objetivo é que a dinâmica da rede produtiva da indústria do vestuário de Colatina se apropria de uma herança histórico-cultural baseada numa relação de produção transplantada do rural para o urbano, herança que se manifesta no relacionamento dos agentes envolvidos. Esse relacionamento, que se desenvolve tanto na rede formal quanto na informal, é fundamentado na cooperação e na reciprocidade, e, portanto, promove a eficiência coletiva da rede e a formação de um ambiente industrial inovador.

Todas as características pressupostas no relacionamento interfirmas do aglomerado da indústria do vestuário de Colatina foram constatadas nos DI's italianos, notadamente por PIRE & SABEL (1984), ao estudarem a crise das economias capitalistas nos anos 70 e o papel das Pequenas e Médias Empresas (PME's), especialmente aquelas organizadas em DI's, na superação da crise.

KUMAR (1997), entre outros, insere a perspectiva sociológica na análise das características dessas aglomerações produtivas territoriais. SCHMITZ (1997) associa na literatura sobre a existência da ação da cooperação interfirmas, articulada por meio de um agente reconhecido pelo grupo, o conceito de eficiência coletiva e inovação industrial, a partir de uma ampla troca de informações. PORTER (1989), ao analisar a estrutura de competitividade dos distritos italianos, inclui o fator da cultura gerencial.

3. O Modelo de Distritos Industriais Italianos

O distrito industrial se conforma a partir de uma integração entre a comunidade local e a estrutura produtiva. A característica mais marcante do distrito industrial italiano é dada pela existência de uma comunidade local cujos sistemas de valores e de pensamentos relativamente homogêneos são expressos na ética do trabalho e da atividade da família, da reciprocidade e da mudança. Essa atmosfera de valores, segundo Garofoli, citado por CAMPOS et al. (2000), distingue, assim, um distrito industrial das outras formações organizacionais.

O distrito é considerado um caso concreto de divisão do trabalho localizado num mesmo ramo industrial, incluindo serviços e indústrias auxiliares. AMIN, citado por CAMPOS et al. (2000), destaca três características do distrito industrial: uma divisão ampla do trabalho entre um grande número de pequenas empresas locais, divisão que se dá por tarefa e não por produto; existência de um conjunto de instituições formais e informais; e a existência, dentro da cadeia industrial, de um centro de criação de conhecimento, inventividade, capacidade empresarial e aprendizagem.

A presença ampla de pequenas e médias empresas, que, concentradas geograficamente, mantêm fortes relações de cooperação entre si e a realização de ações conjuntas proporcionadas pela existência da atmosfera industrial e pela presença de um agente ou entidade capaz de institucionalizar relações são também características dos distritos industriais. Essas ações conjuntas, que facilitam a manutenção de relações de cooperação entre as empresas, são capazes de gerar eficiência coletiva.

Além das características já citadas, também são presentes nos distritos industriais italianos fornecedores especializados de matéria-prima e de maquinário novo e usado, a capacidade de responder com velocidade às modificações na demanda e a formação de um contingente de mão-de-obra com habilidades específicas ao distrito.

Dessa maneira, podemos buscar compreender o que é similar, no aspecto da identidade sociocultural, entre os DI's italianos e o observado no aglomerado estudado.

4. Sobre o Local

O município de Colatina teve seu processo de colonização iniciado no final do século XIX com a vinda de milhares de imigrantes italianos, grande parte da região norte da Itália. Esses imigrantes foram localizados em pequenas glebas de terras e tinham no cultivo de café a sua fonte de renda. O programa de erradicação do cafezal, promovido pelo governo federal na década de 1960, provocou a migração maciça do campo para a cidade. Milhares de pequenos produtores, que mantinham um sistema produtivo familiar, buscaram na área urbana uma alternativa à sobrevivência financeira. A fabricação de artigos de vestuário, tendo em vista algumas experiências positivas já conhecidas na região, foi a principal alternativa encontrada.

Assim, a partir da década de 1970, algumas indústrias se estabeleceram com sucesso e se transformaram em modelo para a criação de dezenas de novas empresas nas décadas de 1980 e 1990. São empresas que mantêm o sistema produtivo familiar, reproduzindo dessa forma o mesmo sistema de trabalho em família que trouxeram do campo.

A criação dessas empresas ocorreu de forma voluntária, para ajudar na melhoria da renda familiar, conforme depoimento de empresários. A migração do campo para a cidade trouxe consigo toda a experiência acumulada por antepassados desbravadores, que abriram picadas na mata, se estabeleceram em pequenas propriedades e mantiveram, à custa de muito esforço físico, o que conquistaram, mesmo em épocas de crise, quando reforçavam o orçamento doméstico com a produção de outras culturas de subsistência.

Somente a crise, que resultou de ações diretas do Governo Federal, provocou a mudança que gerou êxodo e busca de novas alternativas. Esses milhares de migrantes, repetindo a experiência dos imigrantes, produziram uma nova cidade, dessa vez tendo na produção de peças de roupas uma alternativa que se mostrou viável.

Conforme estudos realizados na Terceira Itália e reportados por AZAIS (1992), a presença de estruturas agrárias particulares, que favorecem uma cultura de empresário, provavelmente foi um valor cultural facilitador para a criação e desenvolvimento dessas empresas. Isso porque o ex-proprietário de uma pequena área de terra trouxe junto de si todos

os valores e ideais repassados por seus familiares durante os anos de labuta e enfrentamento de crises no campo.

Não obstante, é bom esclarecer de antemão que o crescimento dessa indústria do vestuário se deu com recursos dos próprios empresários, sem que houvesse um investimento público bem direcionado para que esse fato acontecesse.

5. Sobre o Aglomerado da Indústria do vestuário de Colatina

Verifica-se na região da Terceira Itália uma unicidade na identidade sociocultural, que permeia toda a comunidade empresarial e permite um modo de regulação das atividades interfirmas baseado na cooperação e na reciprocidade. Essa unicidade da identidade sociocultural italiana é dada pela existência de valores e éticas de trabalho disseminadas por meio das relações familiares, por suas tradições e laços históricos.

No aglomerado de Colatina, também se verifica a existência de uma mesma identidade sociocultural, dada pela preponderância de imigrantes italianos instalados na região na época de sua colonização. Essa identidade se formou e se manteve em função dos longos anos de “isolamento” dos colonos na sua própria comunidade, em pequenas colônias de até cinco alqueires onde moravam e trabalhavam em família cultivando o café.

Esse “isolamento” a que nos referimos é usado no sentido de que durante a semana as pessoas trabalhavam em suas terras com familiares e colonos, reunindo-se com os outros moradores da redondeza aos domingos para a reza, em dias de festejos ou nos momentos de necessidade, como na colheita ou no plantio do café.

Do período em que migraram para Colatina até a década de 1960, com a erradicação do cafezal, a maioria absoluta se manteve trabalhando em suas terras, com grande tenacidade, mantendo-se dedicada a seu pedaço de terra e à cafeicultura — independente das dificuldades que passavam com mudanças de preço ou quebra de produção — e trabalhando em família.

Dessa forma, mantiveram valores guardados pela comunidade imigrante durante anos. Essa dedicação exclusiva a seu pedaço de terra permaneceu até o final da década de 1960,

quando, por fim, se iniciou um movimento em que quase 80% da população migraram para a sede do município.

Com a mudança de habitat, os valores comunitários da população foram transplantados do rural para o urbano, refletindo-se no atual modelo social-econômico-gerencial verificado no aglomerado do vestuário de Colatina.

Essa afirmativa é verificada nos hábitos atuais da comunidade nos quais as empresas se mantêm formadas e com a participação da família nos seus diferentes níveis de atuação; na permanência dos empresários em suas indústrias, ali trabalhando durante todos os dias úteis da semana, da hora em que o expediente inicia até muito após o momento em que os funcionários vão embora; na dedicação absoluta à empresa e aos seus produtos, evitando o encerramento de suas atividades nos momentos de crise, quando, aliás, buscam uma forma alternativa de subsistência; e na forte religiosidade ainda presente na comunidade em geral.

O nascimento da indústria do vestuário em Colatina deu-se com a exigência dos migrantes do campo de encontrar outro ofício e modo de sustentar a família, o que os obrigou a olhar para o próprio passado. Uma alternativa de imediato visualizada foi então a costura, que começava a encontrar ambiência no município. Na cidade já havia quem ousasse produzir peças de roupas e, com sucesso, comercializava para redes de empresas famosas no País, como as Casas Pernambucanas, fato que provavelmente foi um elemento a mais na análise para o recomeço desses migrantes.

O recomeço profissional por meio da costura, em muitos casos pequenos ateliês de roupas que se transformaram nas fábricas de hoje, e a existência de algumas poucas fábricas de confecção já consolidadas servindo como modelo são uma demonstração clara de que o aglomerado não surgiu espontaneamente, e sim da vontade de alguns em construir uma nova via de crescimento para sua própria sobrevivência e para o território em que habitavam.

O crescimento do aglomerado se deu com a manutenção de valores comunitários, fortalecendo os laços entre empresários. Esses valores comunitários apontados por GAROFOLI, citado por CAMPOS et al. (2000), como essenciais na existência de um distrito industrial, conforme explicitado acima, determinam, primeiro, a definição do aglomerado setorial da indústria do vestuário de Colatina, como um distrito industrial; segundo, a sua manutenção e fortalecimento regulados por meio da reciprocidade, uma de suas características principais.

O modo de regulação baseado na relação de cooperação e de reciprocidade encontrado na indústria do vestuário em Colatina, tendo como contrapartida uma rivalidade intensa interfirmas, revelada sobretudo no momento da comercialização, possibilita à comunidade empresarial a geração da eficiência coletiva, com a realização contínua de ações conjuntas.

Essa eficiência coletiva permite a formação de um ambiente industrial propício à inovação gerencial, tecnológica e mercadológica, que se dá por meio de uma intensa transferência de informação entre funcionário e empresário, entre contratante e subcontratados e entre empresários, e torna plausível, mais uma vez, a perspectiva da configuração do aglomerado como um distrito industrial.

Essa ambiência industrial, que se consolida por meio das trocas de informação nos diferentes níveis de produção e entre diferentes atores promove um conhecimento tácito e um aprendizado contínuo entre comunidade e indústria.

Isso porque na cidade de Colatina, em mais um ponto de grande similaridade com a região da Terceira Itália, há uma relação de descentralização produtiva e de integração social, inexistindo uma separação formal entre comunidade empresarial e residencial, o que se explica por dois fatores: a inexistência de uma área industrial definida como espaço único produtivo para este segmento – no município, residências familiares e fábricas coexistem pacificamente em todos os bairros – e o próprio processo de nascimento das fábricas, normalmente dentro das residências de seus proprietários, promovendo dessa forma uma maior proximidade nas relações entre patrão, empregado e comunidade. As fábricas comumente crescem e permanecem no ambiente residencial ou nas redondezas da casa do proprietário.

A grande quantidade de empresas familiares e o seu desdobramento em novas empresas também propiciam a disseminação da informação e a manutenção de uma cultura gerencial baseada na reciprocidade e na confiança. Reciprocidade entendida como ajuda mútua, como a realização de uma troca na expectativa do retorno; confiança entendida como cumprimento de contrato estabelecido, mesmo que verbal.

Esses valores podem ser causa também para explicar o porquê de o aglomerado ter conseguido crescer à revelia do poder público, que moveu pouquíssimo apoio institucional

em prol de seu desenvolvimento. E este é um fator de grande diferenciação entre Colatina e a Terceira Itália, que torna o aglomerado peculiar na literatura.

O papel do Estado para o crescimento do setor em Colatina é inexistente, sem a formalização de uma política pública para o seu crescimento. A indiferença do poder público estadual e municipal para com o aglomerado é um ponto a se ressaltar, pois, conforme indica a literatura, o desenvolvimento de uma política industrial para o crescimento de um aglomerado garante a introdução e geração de novas capacidades a serviço da indústria local. Essas capacitações, segundo GARCIA (1996), poderão estabelecer elos flexíveis entre a tendência de mercado e o processo produtivo.

A falta dessas capacidades planejadas pelo poder público gera no aglomerado de Colatina uma série de demandas na sua economia, principalmente aquelas relacionadas às áreas de serviços de marketing e provisão de informações. Esse também é um diferencial na literatura sobre a região da Terceira Itália, onde, com o apoio do Estado, são formados Centros de Informação e promoção de atividades para o desenvolvimento dos distritos industriais.

Em Colatina, grandes e médias empresas já demandam serviços de pesquisa de mercado e de gestão mercadológica. Por não encontrar pessoal especializado no Espírito Santo, buscam a realização desses serviços em outros Estados da Federação.

É interessante observar, por outro lado, que essas externalidades do mercado estão intrinsecamente ligadas a internalidades das empresas. Melhor explicitando, as necessidades de serviços do mercado vão surgindo conforme o amadurecimento no ciclo de vida das empresas, e, no caso, também no do aglomerado, atraindo, dessa maneira, novos talentos para a localidade, como os estilistas que se formam nos grandes centros e buscam trabalho na região.

Fornecedores também começam a ser atraídos para atender ao aglomerado de Colatina em área de sua abrangência. Nesse caso específico, cite-se da fábrica Bangu¹, que irá se instalar no município de Baixo Guandu, distante 46 quilômetros do aglomerado.

Contudo, se inexistente uma política industrial, há em contrapartida uma ação institucional associativa muito forte por parte do Sindicato da Indústria do Vestuário de Colatina

¹ Fonte: Jornal A Gazeta.

(SINVESCO), da Federação da Indústria do Espírito Santo (FINDES) e da Associação Empresarial de Desenvolvimento Industrial de Colatina (ASSEDIC) promovendo o desenvolvimento do aglomerado da indústria do vestuário. Esse sim, um aspecto de similaridade com os DI's italianos.

Essa atuação associativa coesa, desenvolvida comunitariamente, permite a realização de ações que favorecem ainda mais o crescimento do aglomerado de Colatina, a exemplo da recente inserção da indústria do vestuário no programa de exportação do governo federal, por meio da formação do consórcio de exportação Colatina Fashion Export, e do curso técnico em vestuário realizado em parceria com o Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo (CEFET/ES) e o Serviço Nacional da Indústria (SENAI), curso, aliás, que se desenvolve de acordo com a premissa de Schmitz & Musyck, citados por Garcia (1996), que advertem para a necessidade de uma programação de qualificação da mão-de-obra orientada e co-gerida pelo setor privado, de forma que o curso esteja adequado às exigências da indústria local.

Apesar de existir essa busca do sindicato de articular treinamento para qualificação de pessoal, é importante levantar uma questão que começa a ser excludente para uma parcela da mão-de-obra. Como o nível educacional do chão de fábrica ainda é muito baixo, a introdução das novas tecnologias eletrônicas no maquinário começa a excluir aqueles que têm maior dificuldade de trabalhar com esse tipo de equipamento, que exige um nível educacional maior.

Torna esse problema mais crucial a inexistência de uma política pública atenta às necessidades do mercado, e, portanto, a não promoção de programas de educação que possam apoiar a re-qualificação desse pessoal.

Junta-se a isso o momento vivenciado por uma parcela das fábricas, mais especificamente as médias e as grandes, que estão deixando por conta da própria comunidade a obrigatoriedade de se qualificar nas funções básicas, já que essa qualificação é uma função bem desempenhada pelo SENAI em Colatina.

As grandes e as médias empresas, considerado o patamar de competitividade em nível nacional em que se encontram, procuram um treinamento mais apurado de nível técnico e gerencial para seu pessoal, o que, possivelmente, irá gerar, no futuro, nas pequenas e

microempresas, um excelente grau de inovação, dada a transferência de informação promovida por meio da transferência de mão-de-obra, como prevalece no aglomerado.

O aglomerado de Colatina apresenta assim um círculo virtuoso com uma contínua presença de inovação promovida em cascata pelas empresas que vão se desenvolvendo e se tornando mais competitivas no mercado. Elas se apresentam como modelo para as médias, pequenas e microempresas, em termos tanto produtivos como gerenciais, a exemplo do verificado em relação ao aprendizado promovido nas diversas camadas produtivas.

A despeito dessa afirmativa, é importante numerar ainda um ponto fraco do aglomerado: a deficiência do fornecedor de matéria-prima e suprimentos localizados na região ou em sua área de abrangência. A inexistência dessa ponta da cadeia atrasa o ciclo produtivo em oito dias, segundo empresários locais, reduzindo, dessa maneira, sua competitividade, já que se trata de produto sazonal.

5. Conclusão

A relação de cooperação interfirmas existente na indústria do vestuário de Colatina promove a eficiência coletiva da rede, propiciando a formação de um ambiente industrial inovador. A existência desse ambiente na indústria do vestuário, por seu lado, guarda uma dinâmica própria, verificada a partir da existência de uma herança histórico-cultural que foi transmitida pelos imigrantes a seus descendentes e transplantada posteriormente do rural para o urbano no processo de erradicação do café e migração do campo para a cidade. Essa dinâmica, baseada nos valores de cooperação e rivalidade, que se manifesta no relacionamento dos agentes envolvidos, desenvolve-se na rede formal e informal. Também permite concluir que esse relacionamento existente no aglomerado da indústria do vestuário de Colatina o legitima como um distrito industrial.

A inexistência de fornecedores é sanada com a presença constante de representantes das fábricas de matéria-prima e suprimentos, que em alguns casos residem na cidade, estabelecendo, nesse caso, também um vínculo sólido com a comunidade, e pela atuação ativa e consistente das associações de classe. Por outro lado, à inexistência de uma política de incentivo do Estado e do Município se suplanta a própria relação de cooperação da

comunidade, que até o momento está sendo suficiente para a promoção do seu desenvolvimento.

Referências

- AZAIS, C. 1992. Sistemas produtivos locais franceses e distritos industriais italianos: elementos na interseção da sociologia e da economia. *Sociedade e Estado*, [S.l.], v. VII, n. 1-2, pp. 34-62, jan./dez.
- CAMPOS, R. R; NICOLAU, J. A.; CÁRIO, S. A. 2000. Ferraz. *Cluster e capacitação tecnológica: a experiência na indústria cerâmica de revestimento de Santa Catarina. Ensaios FEE*, Porto Alegre, v. 21, n.1, pp. 144-161, 2000.
- CASAROTTO FILHO, N.; PIRES, L. H. 1999. *Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local*. São Paulo: Atlas.
- CASTELLS, M. 1999. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- DERENZI, L. S. 1974. *Os italianos no estado do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Artnova.
- FOLHA DO NORTE. Colatina, 19 ago. 2000. Edição Especial.
- GARCIA, F. C. 1997. A terceira Itália como pólo irradiador de micros e pequenas empresas de alta tecnologia. Belo Horizonte: CEPEAD-UFMG, 22p. Mimeografado.
- GARCIA, R.C. 1996. Aglomerações setoriais ou distritos industriais : um estudo das indústrias têxtil e de calçados no Brasil. 151f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade de Campinas, Campinas.
- HIRATUKA, C.; GARCIA, R. 1998. Desenvolvimento local num contexto de mudança estrutural da indústria: considerações a partir dos casos do Vale do Silício e da Emiglia-Romagna. *Economia e Tecnologia*, Campinas, v. 1, n. 4, pp. 4-17, out./dez.
- INSTITUTO DE APOIO À PESQUISA E AO DESENVOLVIMENTO JONES DOS SANTOS NEVES. 2000. Informações municipais do Estado do Espírito Santo, 1994-1998: Colatina. Vitória, 37 p. Mimeografado.
- KUMAR, K. 1997. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LEBORGNE, D. 1996. Da reorganização do trabalho à parceria regional: os modelos na Europa. *Economia e Sociedade*, Campinas, n. 6, pp. 45-73, jun.
- LEITE, M. P. Reestruturação produtiva e trabalho: o paradoxo da experiência internacional, [199-]. 19p. Mimeografado.
- LIPIETZ, A. 1989. A trama, a urdidura e a regulação. *Sociedade e Estado*, [S.l.], v. 4, n. 2, pp. 5-35.
- _____. 1991. *Audácia: uma alternativa para o século 21*. São Paulo: Nobel.
- MARSHALL, A. 1982. *Princípios de economia: tratado introdutório*. São Paulo: Abril.
- NOVAES, M. S. DE. 1980. *Os italianos e seus descendentes no Espírito Santo*. Vitória: IJSN.
- PIORE, M.; SABEL, C. F. 1984. *The second industrial divide*. New York: Basic Books.

- PORTER, M. 1989. *A vantagem competitiva das nações*. Rio de Janeiro: Campus.
- _____. 1999. *Competição: estratégias competitivas essenciais*. Rio de Janeiro: Campus.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA. 1990. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. *Maratona do Saber*. Colatina: SMEC.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA. 1999. Secretaria Municipal de Indústria e Comércio. Diagnóstico sócio-econômico: município de Colatina, 15 p. Mimeografado.
- PUTNAM, R. D. 1996. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- RAUD, C. 1999. *Indústria, território e meio ambiente no Brasil*. Florianópolis: Edufsc.
- ROCHA, G. 2000. *Imigração estrangeira no Espírito Santo, 1847-1896*. Vitória: [s.n.].
- ROCHA, H. C. 1998. A formação econômica do Espírito Santo e sua lógica empresarial. In: GUALBERTO, J.; DAVEL, E. *Inovações organizacionais e relações de trabalho*. Vitória: Edufes.
- ROCHA, H. C.; MORANDI, A. M. 1991. *Cafeicultura e grande indústria: a transição no Espírito Santo - 1955-1985*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida.
- SALETO, N. 1996. *Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalho do Espírito Santo (1888-1930)*. Vitória: Edufes.
- SCHMITZ, H. 1997. Eficiência coletiva: caminho de crescimento para a indústria de pequeno porte. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, pp. 164-200.
- TARDIN, N. 2000. Bangu instala fábricas em Baixo Guandu. *A Gazeta*, Vitória, p.18, 23 ago.

Resumo

Três modelos de produção sobressaíram no decorrer do século XX: o modelo fordista, o modelo de coordenação e o modelo comunitário. A dinâmica de cada um desses modelos, por outro lado, está intrinsecamente relacionada à sociedade que os suscitou. Transpostos para o mundo das organizações, esses valores revelam-se por meio do relacionamento interfirmas. Neste artigo se analisa a dinâmica de relacionamento interfirmas no aglomerado da indústria do vestuário do município de Colatina, no Espírito Santo. A análise tem como principal referência a sistematização das principais características do modelo comunitário de produção dos Distritos Industriais (DI's) italianos.

Abstract

The 20th century was a period of deep social, economical, technological and organizational alterations. Underlying to the understanding of those transformations is the comprehension of the production model and the social regulation that permeate some society in its development process. Then, three production models stood out in elapsing of this century: the Ford model, the coordination model and the community model. The dynamics of each one of those models is inherently related to the society that raised them. So, we can relate the Ford model to the American consumer society, the coordination model to the Japanese hierarchical culture and the community model to the cooperation and reciprocity nets of the north of Italy. The evolution of each one of those models offers a certain answer to the organizational development, which also corresponds to specific periods in the relationship between economy and production. Paradoxically, in the current world, which demands fast answers, contacts seemingly superficial and flexibility, the Japanese and Italian production

models, by the overcoming of the Ford model, have as base the cultural values of cooperation of the society where they show. Transposed for the world of the organizations, those values are revealed through the relationship among businesses.